

OS JOVENS TERENA DA IGREJA 1º CONGREGAÇÃO PRESENTE NA TERRA INDÍGENA DE DOURADOS

Lílian Luana da Silva¹

1. RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo apresentar está pesquisa que faz parte do mestrado em Antropologia/UFGD. A partir do arcabouço teórico-metodológico da Antropologia, a pesquisa tem como foco a temática juventude e em particular o grupo de jovens Terena da igreja conhecida como 1º Congregação atualmente Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, presente na aldeia Jaguapirú, Terra Indígena de Dourados/MS. O objetivo dessa pesquisa é analisar o papel da 1º Congregação, na aldeia Jaguapirú, Terra Indígena Horta Barbosa, no município de Dourados na vida dos jovens Terena. Verificar se a participação dos jovens na 1º Congregação contribui na formação de lideranças Terena; perceber se a participação dos jovens Terena da 1º Congregação contribui em sua vida fora do espaço religioso; comparar a vida da juventude Terena da 1º Congregação com os não adeptos buscando perceber se essa participação produz alguma especificidade no grupo.

Palavras chave: Indígenas; Jovens; 1º Congregação;

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Os Terena pertencem ao tronco linguístico-cultural Aruák, língua Guaná. Os contatos regulares com os não-indígenas se intensificaram após a Guerra do Paraguai (1864-1870); vivem no sul do pantanal atual MS desde a 1º metade do século XVIII após migrarem da região do Chaco paraguaio.

A frente de expansão pastoril ocasionou um reordenamento territorial. Os Terena depois da Guerra do Paraguai, se viram explorados pelos proprietários de terras, servindo de mão-de-obra barata e cada vez mais atrelados à sociedade envolvente.

Com o advento da República, ocorreu a instalação das Linhas Telegráficas, que visavam unir regiões distantes, sob a direção de Cândido Rondon; entre 1904/1905, vários Terena foram chamados para esse trabalho. Algumas das terras foram reservadas para a demarcação por Rondon. Nesse mesmo período o SPI foi criado (1910), com a perspectiva de, incorporar o índio à nação brasileira, sob às orientações de políticas

¹ Discente do curso de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal da Grande Dourados.

integracionistas. O SPI inicialmente tinha o objetivo de vincular o índio à sociedade brasileira como trabalhador nacional para o processo de ocupação e desenvolvimento do país. Tanto que a sigla inicial do SPI era SPI LTN. Transformando o índio em colonizado e tirando o entrave ao capital e à ideia de progresso².

Os Terena que chegaram na Reserva de Dourados, logo após a sua criação em 1917, vieram da Serra de Maracajú, municípios de Miranda e Aquidauana por meio de Rondon; vieram em parte pelo incentivo do SPI, e posteriormente devido aos parentes que já se encontravam pela região e conviviam com os Guarani e Kaiowá. Troquez (2006) ressalta que a Reserva Indígena de Dourados foi destinada apenas em 1927 aos Guarani Kaiowá, quando o inspetor do SPI, Major Nicolau Horta Barbosa, deu início a delimitação dessa área que corresponde ao Posto Indígena Francisco Horta Barbosa. Já no início desse processo, deu-se também sua formação como reserva pluriétnica.

O contato com a sociedade nacional intensificou as transformações e, conseqüentemente, a vida da etnia Terena no atual Mato Grosso do Sul. Algumas políticas implementadas objetivavam a absorção da mão de obra indígena para as fazendas e outra característica importante foi em relação ao contato com as doutrinas cristãs a exemplo das doutrinas religiosas como o catolicismo, o protestantismo e o pentecostalismo ou neo pentecostalismo.

Este estudo sobre o grupo de jovens da etnia Terena, frequentadores da igreja conhecida como 1º Congregação, presente na aldeia Jaguapirú da Reserva Indígena Horta Barbosa, Dourados/MS, centra-se nas particularidades e também nas especificidades que conformam a noção de juventude no meio indígena, em contato com a sociedade envolvente regional há pelo menos um século.

O conceito de juventude aqui apresentado, se constrói a partir do contexto étnico e cultural que vivenciam os jovens indígenas. Fernanda Delvalhas Piccolo (2010) observa a “juventude” como uma categoria. A autora fala que a categoria juventude bem como a experiência a ela atrelada foi construída, ao mesmo tempo em que os jovens vivenciam, os processos biológicos da época da puberdade. Não podemos enxergar essa etapa como uma experiência universal, mas sim como específica de cada grupo social, com suas particularidades, significados que cabem serem desvendados com um olhar cuidadoso.

²ACÇOLINI, GRAZIELE. **Outros olhares, novos olhares**: um estudo sobre a terra indígena de Dourados. Dourados: Projeto de pesquisa.UFGD, 2012.

Os jovens Terena, assim como toda a sua etnia, mantêm contato histórico com a sociedade nacional, fator que incentivou, gradativamente, as transformações de seu modo de vida; ocorreram alterações no seu modo de trabalho, na linguagem, na alimentação, enfim, seu cotidiano se alterou.

A juventude ou os jovens foram alvo de estudos na literatura antropológica nas décadas de 1930/40, com as pesquisas de Margaret Mead (1969); e Ruth Benedict (1972). Discípulas de Franz Boas e formadoras da Escola Cultura e Personalidade, estas se tornaram referências no âmbito acadêmico pela forma com que conduziram a temática sobre a adolescência/juventude em sociedades nativas.

Tais pesquisadoras se preocuparam com essa fase da vida em sociedades nativas, como as da Oceania, bem como com jovens de sua própria sociedade, a norte-americana. Nesse período, o entre Guerras, as duas pesquisadoras conseguiram realizar estudos etnográficos mesmo diante de um contexto sociocultural conflitante.

Como Benedict, Mead rejeita explicitamente a existência de diferenças psicológicas determinadas pela raça, porém aceita diferenças psicológicas determinadas pela cultura; a cultura para ela é entendida, sobretudo como a forma de educar as crianças. Nesse sentido, existe um vínculo estreito entre modelo cultural, método de educação e tipo de personalidade dominante.

Mead (1969) traz à tona a reflexão sobre os adolescentes em diferentes culturas, problematizando as dificuldades que estão relacionadas a uma fase como vista de tensão. Examina então as condições que podem ser determinantes na vida dos adolescentes, em diferentes circunstâncias culturais como, por exemplo, ao confrontar duas populações vizinhas da Nova Guiné, considerou que uma a dos doces e ternos Arapesh, só desejam paz e serenidade, enquanto a outra, a dos violentos Mundugumor, é comandada por um comportamento agressivo.

Mead trabalhou com comparações entre as culturas. Realizando trabalhos entre a cultura vista como “primitiva” e a cultura ocidental (norte-americana). A autora vem acrescentar as discussões sobre as especificidades culturais dessa fase. Mostrando por exemplo a noção de tempo e espaço de um determinado grupo, são mecanismos para percebermos os jovens como geradores de cultura. Esses são aspectos importantes para pensarmos os jovens indígenas da 1ª Congregação; isso se faz necessário para que possamos refletir o grupo de jovens como geradores de cultura. Ao que parece, os jovens são formadores de opinião e se fazem presentes na sociedade envolvente.

No contexto atual, a Antropologia tem desenvolvido, pesquisas com a temática da criança, com o papel de explorar o mundo em várias pesquisas colocando o tema criança a perceber a sociedade além da perspectiva adulta. Diversas pesquisas ligadas ao tema da criança têm sido desenvolvidas. Vários pesquisadores da área exploram o tema, como Cohn (2005), Pereira (2011), Cariaga (2014), dentre outros.

A temática sobre juventude indígena no Brasil é recente. Nos dias atuais é um desafio pesquisar sobre jovens indígenas, em síntese, por que é um tema que está em ampliação, como uma área de pesquisa. Nessa perspectiva existe o trabalho de Silvestre (2011), especificamente sobre os jovens Guarani e Kaiowá, no Mato Grosso do Sul.

Segundo ela esses jovens Guarani e Kaiowá assim se denominam a partir do contato com a sociedade brasileira, por isso o termo jovem entre os Guarani e os Kaiowá é relativamente novo no grupo. Esse contato faz pensar nas diversas situações que fazem desses jovens sujeitos importantes nesse contexto social. Já que essa juventude reflete uma cultura ocidental adquirida, é percebida como uma etapa com menos responsabilidades. Porém, esses jovens também estão ligados com a formação de sua própria cultura, onde trabalham, onde estudam e onde constituem suas relações familiares.

Na revista ESPM, Marcos Terena (2008) comunicador e escritor indígena, trabalha a Juventude Indígena como um fenômeno social e ao mesmo tempo mostra nas entrevistas que os jovens indígenas declaram uma ligação forte com a cultura da aldeia e da cidade. Silmara Terena, 17 anos, que estuda no Ensino Médio, nascida no Posto Indígena Taunay, portal do pantanal sul-matogrossense, que hoje vive em uma das aldeias urbanas de Campo Grande.

Como todo jovem de sua idade, gosta de se enfeitar para as festas tradicionais com colares e pinturas. Mas, para ir à escola, se transforma completamente, pois sabe que deve se afirmar perante outros colegas não indígenas, como estudante bilíngue, indígena que sonha com o sucesso pessoal e familiar, mas que sabe das dificuldades para atingir isso numa região conservadora e altamente preconceituosa com os indígenas. “Gosto de me sentir bem. Mesmo tendo pouco dinheiro, procuro usar enfeites do branco porque vivo no meio deles e sei dos costumes deles, mas sei também a hora de usar a beleza indígena. Tudo depende da ocasião e do bom gosto. Gosto das duas culturas”, afirma. (TERENA, 2008: p.89)

Nessa citação se observa a apropriação da cultura urbana, trazendo novos elementos ao cotidiano dessa jovem, ao conciliar aspectos presentes na história com novos contextos sociais, inclusive o preconceito que a juventude indígena enfrenta na sociedade envolvente.

Desejo apresentar em forma de relato, os dados preliminares etnográficos coletados a partir da minha pesquisa de campo, que mesmo iniciais, parecem indicar algumas das suposições aqui lançadas.

A escolha por enfatizar os Terena na pesquisa explica a própria escolha em enfatizar a formação bem como o grupo de jovens da Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil; os Terena foram os protagonistas na criação da mesma na aldeia Jaguapirú. Pode-se observar isso, ao ver as principais lideranças que tomam frente nas atividades da igreja, que são na maioria Terena, tanto jovens, como adultos e anciões. Isso quer dizer que as sociabilidades na 1ª Congregação se transformaram com o passar dos anos, agregando também os Kaiowá, Guarani e alguns não indígenas, como observado em campo. Entretanto as principais lideranças dentro desse espaço continuam sendo os Terena.

Para tanto, meus dois grandes interlocutores foram Sr. Guilherme Felipe Valério que é fundador dessa igreja e seu neto, Ronildo Jorge integrante do grupo de jovens indígenas, discente egresso do curso de História na UFGD; com eles fui apresentada à comunidade dos jovens da 1ª Congregação, aos cultos e outras atividades, bem como seu histórico na Reserva, que se atrela às próprias memórias de Sr. Guilherme.

Segundo Ronildo Jorge³, os jovens Terena ocupam nos cultos direcionados a eles o espaço de som, bateria, música, violão, e dança, são eles que comandam o culto; mais que isso, estão presentes também nos acampamentos realizados pelos adeptos de outras igrejas coligadas. Nos momentos que o pastor não está, os jovens tomam a frente de tais cultos.

O Culto dos Jovens na 1ª Congregação é um dos mais concorridos e divide-se em etapas todas conduzidas pelos jovens:

1º Salmos e Hinos (músicas), inclusive com os adeptos da igreja que são Guarani clamando Japorahei'joa, que significa 'vamos cantar juntos', em Guarani (o ensaio das músicas do culto ocorre sempre uma hora antes deles se iniciarem).

2º 'Oportunidades': Músicos, ou alguém que está no culto, sobe ao altar para falar algo; algum testemunho que ocorreu durante a semana ou em sua vida.

3º Dízimo: oferta de uma contribuição para a manutenção e reformas no espaço. Nesse momento, há música no ambiente.

³ Entrevista concedida no dia 15/06/2015, durante a Pesquisa de Iniciação Científica (PIVIC), Dourados/MS.

4º Louvor: o responsável pelo grupo de jovens, especificamente o Renan Mamede e a Natalia Joaquim que se encarregam desse momento.

5º Pregação: pastor Hélio Nimbu, ou Ezau Mamede um líder entre os adeptos, um dos dois trazem uma mensagem para refletir. Se o pastor não puder comparecer chama-se alguém no lugar, um convidado. É bem dinâmico, pode ser uma missionária da Missão Caiuá. Em alguns momentos não tem pregação ou louvor. Depende da demanda daquele dia ou ocasião. Quando os jovens indígenas estão envolvidos em alguma promoção para arrecadar dinheiro, não tem louvor; os pais desses jovens têm o papel de ajudar em vários momentos, como nos transportes de materiais para a promoção.

6º Avisos gerais. É o momento em que se fala dos próximos cultos, programação e informes.

Vemos assim, nos passos de Piccolo (2010) e Silvestre (2011) que mesmo sendo um desafio estudar os jovens, é gigantesca a contribuição que essa temática tem, para que possamos entender o papel do jovem em diferentes sociedades. No caso desse projeto, entender o papel do jovem dentro e fora da igreja 1º Congregação.

3. JUSTIFICATIVA

O contato com a sociedade nacional intensificou as transformações e, conseqüentemente, a vida da etnia Terena no atual Mato Grosso do Sul. Algumas políticas implementadas objetivavam a absorção da mão de obra indígena para as fazendas, a utilização do português no cotidiano junto à língua materna, bem como a alimentação e outros artigos comuns. Outra característica importante foi em relação ao contato com as doutrinas cristãs a exemplo das instituições religiosas como o catolicismo, o protestantismo e o pentecostalismo ou neo pentecostalismo.

Creio que devemos compreender que a juventude está ligada primordialmente a outros elementos como a cultura, as formas de religiosidade, política e esses aspectos devem ser estudados a fim de entender as especificidades desses jovens, o histórico também, os conflitos aqui construídos; por isso a importância de frisar também o contato dos Terena com os Guarani e os Kaiowá na reserva.

Os Terena tem uma forma própria de organização de identidade, assim pensa Pereira (2009) que ressalta a formação social específica do grupo, permitindo com que os indivíduos da etnia se envolvam de forma institucional e social junto da sociedade nacional. Mais que isso, o *ethos* que é o ser Terena, está envolvido com uma conduta

humana de rótulo civilidade. Esse conceito de civilidade Pereira (2009) se inspirou nos trabalhos de Nibert Elias, em *A sociedade de corte e o Processo civilizador*⁴.

Isso quer dizer, que ser Terena tem haver com um processo social que envolve palavras, formalidades e atos em suas condutas cotidianas. Essas condutas serão diferenciadas em cada situação ou posição social, isso tudo implica um cuidado com regras e padrões sociais aceitos na sociedade.

Assim, penso seguindo Acçolini (2004) que a sociedade Terena pode ser vista como uma estrutura performática (Sahlins, 1990). Os Terena organizam a significação de forma que os sujeitos históricos reproduzem criativa e dialeticamente sua cultura. Os acontecimentos que ocorreram na trajetória histórica da etnia serviram para que, os Terena criassem a sua própria forma de pensar e significar as diferenças que apareceram em sua história. A religião protestante já faz parte desta sociedade, com a perspectiva da estrutura performática de (Sahlins,1990), se percebe que os Terena tem a capacidade de se adaptar as mudanças e significar fatos históricos.

Daí, “culturas diferentes, historicidades diferentes” (Sahlins, 1990, p.11), onde ele apresenta as ‘estruturas performáticas’ e as ‘estruturas prescritivas’ discussão que ele apresenta como tipo-ideal (Weber) “sobre como as estruturas se realizam no interior da ordem cultural e acima do curso histórico”, ou seja, vendo-as como diferentemente abertas à história (p.11). Sahlins aponta o paralelo com o contraste levi-straussiano entre modelos mecânicos e modelos estatísticos (sociedades frias e sociedades quentes)

Esquemáticamente, essas estruturas são definidas em relação aos acontecimentos circunstanciais, o inevitável encontro com a prática, ou com os riscos empíricos colocados às categorias culturais. Nas sociedades estruturadas performaticamente, estes acontecimentos circunstanciais são valorizados pela diferença com que se apresentam frente ao sistema constituído, enquanto as estruturas prescritivamente valorizam tais acontecimentos, pautadas na semelhança frente ao arranjo social existente.

No encontro com a prática, os acontecimentos são interpretados pela comunidade de significação e justamente por ela esses são valorizados ou não, prescritiva ou performaticamente. Esta interpretação, baseada nos significados fornecidos pela ordem cultural, se transforma num evento e adquire uma significância histórica.

⁴ ELIAS, Nibert. 2001. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
ELIAS, N. 1990. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, v.1, Jorge Zahar Editor.

Creio que o grupo de jovens dessa igreja, é parte das ressignificações dessa comunidade elaboradas nesse contexto específico. Por isso, pensar o papel do jovem nesse espaço, é perceber que a categoria juventude foi apropriada e significada dentro da própria etnia. Ao que parece, os jovens possuem um papel importante e suas demandas são levadas em conta dentro do próprio grupo dos Terena.

Apesar de sabermos que a categoria juventude foi apropriada pelo envolvimento dos Terena com a sociedade nacional, a característica de transformação é própria da etnia, que significa suas ações como pensa Sahlins nas “estruturas performáticas”, levando em conta, as características culturais do grupo e as advindas transformações que hoje através da história do grupo Terena se tornaram próprias do grupo, como por exemplo a categoria juventude.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral;

Analisar o papel da 1º Congregação, na aldeia Jaguaíru, Terra Indígena Horta Barbosa, no município de Dourados na vida dos jovens Terena.

4.2 Objetivos específicos;

Verificar se a participação dos jovens na 1º Congregação contribui na formação de lideranças Terena;

Perceber se a participação dos jovens Terena da 1º Congregação contribui em sua vida fora do espaço religioso;

Comparar a vida da juventude Terena da 1º Congregação com os não adeptos buscando perceber se essa participação produz alguma especificidade no grupo.

5. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, é necessário aprofundar o levantamento bibliográfico sobre o tema, juventude/jovens indígenas, bem como sobre a Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, parte do movimento presbiteriano no meio indígena. A pesquisa etnográfica é e será o caminho fundamental a ser seguido, a fim de constituir

uma interação com tais jovens vinculados à igreja em questão. Quando me refiro a uma interação, penso na relação dialógica que já estabeleci e posso continuar a estabelecer com tal grupo.

Como coloca Geertz (1989) realizar uma etnografia vai além das técnicas utilizadas no trabalho de campo, é o esforço intelectual de interpretar todos os dados obtidos nele. Isso quer dizer, que a etnografia não se limita na prática de desempenhar o método de trabalho, mais que isso, a etnografia é o esforço máximo de reflexão e esforço intelectual pela parte do pesquisador.

Fazer uma etnografia é como aponta Oliveira (2006), a união de três etapas/ três atos cognitivos que a constituem: o olhar, o ouvir e o escrever, elementos que fazem parte de um processo para a realização de tal pesquisa.

O olhar tanto como o ouvir já estão, como coloca o autor, em sua realização “domesticados” teoricamente, ou disciplinados pela “disciplina”. O olhar constitui uma ferramenta importante nesse processo, pois no trabalho de campo, é ele que verificará as primeiras impressões visuais do ambiente muitas vezes ainda desconhecido para o pesquisador. Percebido isso, o olhar do pesquisador ultrapassa a barreira somente da curiosidade, um olhar sensibilizado teoricamente.

O olhar e o ouvir configuram uma primeira parte do estudo, já o escrever é o desfecho final. Depois dos dados levantados em seu caderno de campo, é preciso que o antropólogo se afaste do campo de pesquisa e elabore o texto etnográfico.

Se é a partir do olhar e do ouvir disciplinados que se realiza nossa percepção, Cardoso de Oliveira (2006) aponta que é no ato de escrever que nosso pensamento exercita-se no sentido de produzir um discurso científico, voltado a construção de uma teoria social, é o momento em que o pesquisador sistematiza os dados de campo a luz de todo o arsenal conceitual da disciplina.

Distanciado do espaço do trabalho de campo, o antropólogo com sua autonomia, tem a incumbência de escrever e interpretar os dados, no caso dessa pesquisa a Antropologia, a partir do seu escopo teórico-metodológico e diretamente da bibliografia relacionada, no caso, a voltada aos Terena e a noção de juventude.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACÇOLINI, Grazielle. **Outros olhares, novos olhares: um estudo sobre a terra indígena de Dourados**. Dourados: Projeto de pesquisa.UFGD, 2012.

_____. **Terena: Adoção de um novo mito.** São Paulo: Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1996.

_____. **Protestantismo à moda Terena.** Araraquara: Tese de Doutorado, FCL/UNESP, 2004.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa.** São Paulo: Perspectiva, 1972

CARIAGA, Egidio Diógenes. **As transformações no modo de ser criança entre os Kaiowá em Te'ýikue (1950-2010).** Disponível: In:<http://www.academia.edu/10360892/As_transforma%C3%A7%C3%B5es_no_mod_o_de_ser_crian%C3%A7a_entre_os_Kaiowa_em_Te%C3%BDikue_Caarap%C3%B3_-_MS_1950_-_2010_> acesso em 29 de junho de 2014.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação da culturas.** Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura.** 1 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Perspectiva, 1969.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti : as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica.** Dourados, MS : Editora da UFGD, 2009.

_____. **Socialização da criança kaiowá e guarani: formas de socialidade internas às comunidades e transformações históricas recentes no ambiente de vida.** In: NASCIMENTO, Adir Casaro; GOMES, Ana Maria R.; URQUIZA, Antonio Hilário Aguilera. (Org.). **Criança Indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais.** 1ed. Brasília: Liber-Livro, 2011, v. p. 75-112.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. **Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca.** In: VELHO, Gilberto. DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

SALHINS, Marshall. **Ilhas de história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

SILVESTRE, Célia Maria Foster. **Entretempos: experiências de vida e resistência entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus jovens.** Araraquara: Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal Paulista, 2011.

TERENA, Marcos. **A juventude indígena e os caminhos entre tradição e modernidade.** In: Revista da ASPM-setembro/outubro de 2008. In:< http://acervo-digital.espm.br/revista_da_espm/2008/set-

out/a_juventude_indigena_e_os_caminhos.pdf> Acesso em:10 de fevereiro de 2013 às 15:56.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro. **Professores índios e transformações socioculturais em um cenário multiétnico: a reserva indígena de Dourados (1960-2005)**. Dourados, Dissertação de Mestrado, UFGD, 2006.

Os trabalhos completos devem conter Título, Autor, Resumo entre 200 e 400 palavras, seguido de três a cinco palavras-chave, e deve ter entre 3000 a 7500 palavras, além da bibliografia. Os trabalhos selecionados estarão sujeitos à publicação nos anais do evento.